

XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

O desrespeito contra a sacralidade dos símbolos etnicorraciais afro-brasileiros

Marlon Marcos Vieira Passos¹ 

RESUMO

Esse texto é um relato analítico de uma conferência que dá título ao mesmo, e apresenta as noções de civilização do tambor e civilização do barro, para analisar a grandeza das culturas e filosofias afro-brasileiras tão violentadas na sociedade brasileira ao longo dos tempos. Trata-se de um relato-denúncia, numa perspectiva socioantropológica, analisando três agressões contemporâneas ao universo sagrado das religiões de matrizes africanas, destacando os casos Claudia Leite, Carlinhos Brown e Ana Paula Alves Fernandes. Por outro lado, o relato sugere a presença da pedagogia cabocla em algumas experiências artísticas na Bahia, destacando Saulo Fernandes, entendido numa perspectiva de positividade a favor do reconhecimento e do respeito à sacralidade dos símbolos de religiões como o candomblé. Apresento Saulo Fernandes, dentro de uma conceituação que chamo aqui de ecologia do amor, eficaz no combate ao racismo religioso e a todos os tipos de racismos e negação das diferenças entre os grupos humanos.

Palavras-chave: Racismo Religioso; Saulo Fernandes; Carlinhos Brown; Claudia Leite; Candomblé.

"Eu vi. Sei que vi porque não dei ao que vi o meu sentido"

Clarice Lispector, A paixão segundo GH

- Grafitando um começo

Sinto. Penso. Imagino. Transcorro, em palavras ditas, uma denúncia emocional, aciono uma conversa esférica a partir de temas filosóficos da nossa afro-

¹ Poeta, doutor em antropologia pela Universidade Federal da Bahia, mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela mesma Universidade. É Graduado em Licenciatura em História (UCSAL), Bacharelado em Comunicação - Jornalismo (UFBA) e Bacharelado em Ciências Sociais - Antropologia (UFBA). Professor adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - Unilab (Campus dos Malês). Pesquisador especialista em religiões de matrizes africanas no Brasil e das obras artísticas de Clarice Lispector e Maria Bethânia. Articulista quinzenal do Jornal A Tarde e membro do Grupo de Pesquisa Nyemba (Unilab). Autor dos livros Oyá- Bethânia: os mitos de um orixá nos ritos de uma estrela (Antropologia, 2016); Memórias do Mar (Poesia, 2013), Cenas quentes de um poeta (20 (Poesia, 2019), Entre o Jocosos e o Sagrado: cânticos, sotaques e ensinamentos de caboclo em candomblés de Salvador (Antropologia, 2022), entre outros. E-mail: ogunte21@gmail.com



UESB



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

brasilidade, em inspiração ancestral, me dirigindo a aldeias nacionais e à África. Para depois me dirigir contra à intolerância religiosa que não é intolerância, é racismo. Esse texto é resultado de uma comunicação, uma conferência sobre os desrespeitos históricos e contemporâneos contra a sacralidade dos símbolos etnicorraciais afro-brasileiros na Semana da Pertença do ODEERE. É mais do que notório o papel civilizador das comunidades negras e indígenas nesse país do pau-brasil. A força das culturas africanas aqui trazidas pela desmesurada violência da escravidão, mas que suplantou esta violência, e com capacidade de reinvenção e resiliência, soergueu numa perspectiva popular, o melhor do que temos a ofertar ao mundo e a nós mesmos como nação brasileira. As culturas indígenas, muitas já apagadas pelo belicismo colonial, se fundiram aos quilombos, adentraram os terreiros, afetaram a língua portuguesa, impregnaram a emoção do nosso povo, e sobrevivem nos grupos indígenas da atualidade, lutando e vicejando para continuarem vivos como indígenas deste país, que se ergueu surrupiando as terras dos seus ancestrais.

Estar à mesa. Falando para uma plateia circular, no Auditório Waly Salomão, instigando falas da Assistência, envolvido no Sagrado que me toma, com a responsabilidade de nos fazer sentir as feições das agressividades e da dessacralização dos elementos religiosos do chamado povo de santo no Brasil, mais do que um propósito político e acadêmico, sinto em mim, como uma missão espiritual. O ponto crucial dessa minha fala foi o desrespeito contínuo que as chamadas religiões de matrizes africanas sofrem no Brasil, destacando as experiências do candomblé e da umbanda. Os terreiros são espaços carregados de saberes, fazeres, filosofias, tecnologias, epistemologias, enfim, são fontes irradiadoras de conhecimento, ngunzo, axé. O que nós conhecemos como candomblé é tratado, de modo preconceituoso, como religião primitiva e selvagem, animista e politeísta, fruto vulgar das inventividades culturais dos negros



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

africanos entre nós. Mas, é justamente o caráter popular do candomblé, sua capacidade de atração e sua condição de religião acessível a todos e ligada a filosofias africanas imemoriais, que o potencializa a ser um instrumento construtor de identidades e de aglutinação de indivíduos educados para uma consciência ecológica e holística, dialógica com as tradições indígenas brasileiras, formulador de textualidades baseadas na experiência da ancestralidade vivenciada por humanos e não humanos nos espaços (e em seus transbordos) denominados de terreiro.

Ponho-me a afirmar o caráter animista do candomblé, dizendo que se trata de um modo de vida (NASCIMENTO, 2016), um conjunto de cosmo-sensações (OYEWÙMÍ, 2021), uma religião de ânimo, de transcendências espirituais no corpo de seus praticantes e evoca um pertencimento (LISPECTOR, 2021) a tradições culturais e religiosas que civilizaram a sociedade brasileira. A ideia de animismo religioso usada por autores, como Nina Rodrigues, para hierarquizar as religiões de matrizes africanas como algo incivilizado e primitivo, utilizo aqui ao contrário, tome posse do termo para caracterizar a experiência do candomblé como o animístico que vibra e revela a vida dos seres espirituais que cultuamos nos terreiros.

Foi no início da noite, às 19h., na cidade de Jequié da Bahia, no dia 21 de março de 2025, numa mesa intitulada "O desrespeito contra a sacralidade dos símbolos etnicorraciais afro-brasileiros", sob a coordenação do professor doutor Natalino Perovano Filho, onde fiz uma conferência voltada a valorização cultural e religiosa do candomblé e a combater, analiticamente, eventuais episódios de discriminação, como o caso Claudia Leite, Carlinhos Brown, e a jurada do desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro, Ana Paula Alves Fernandes. Também, trouxe exemplos afirmativos, como a fala de artistas como Saulo Fernandes e Daniela Mercury, e as escolas de samba Paraíso do Tuiuti e Unidos de Padre Miguel, apontando as marcas civilizacionais das culturas negroafricanas entre nós.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

É notória a força social de diversos aspectos culturais das comunidades negras brasileiras e de várias comunidades indígenas, que organizaram a nossa sociedade, nas camadas populares, a partir de suas invenções existenciais no plano das ideias e da materialidade de objetos inventados como utensílios domésticos, culto às divindades, abrigo e moradia, diversão e artisticidade. Para demonstrar o grau de acinte e violência, empreendidos por artistas como Claudia Leite, exemplifiquei a grandeza dessas culturas atacadas, usando duas categorias compreensivas no debate por mim instituído: a civilização do tambor e a civilização do barro, ambas fundantes na organização das comunidades culturais e religiosas que dão feição às chamadas religiões de matrizes africanas, e servem de chão, sustentação filosófica para criações culturais como escolas de samba e da Música Popular Brasileira, na contemporaneidade.

Da tecitura dessas ideias, entre embates emocionais e teóricos, construí uma narrativa acadêmica, para aproximar você leitor, daquilo que vivenciamos no mundo da vida, no momento que proferia esta conferência, e minha emoção frente à recepção da Assistência, me comoveu muito, tornando essa experiência inesquecível em minha vida. Nas seções seguintes, trago os aspectos que considero mais relevantes para o entendimento do que acuso como desrespeito e o que revelo como grandeza e importância da experiência “terreiro” no processo civilizacional brasileiro.

- Entre a civilização do tambor e a civilização do barro: o terreiro afro-brasileiro

“Oh velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
só tambor!”

José craveirinha, Quero ser tambor, 2000.

Em narrativas longínquas e em pesquisas mais recentes, sabemos da ultra importância do tambor, em suas variadas utilidades, para as chamadas



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDESTE DA BAHIA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

sociedades tradicionais africanas e entre muitos indígenas do, hoje, território brasileiro. O tambor, esteio sonoro da música percussiva no mundo, além de sua utilidade artística, nos serviu como instrumento de comunicação, como sistematização de mitos escritos em diversidades sonoras, onde muitas destas sonoridades, ao longo dos tempos, foram salvaguardadas pelos chamados terreiros das religiões de matrizes africanas. O tambor exprime uma profunda complexidade, textualiza imemoriais informações, conta histórias, emociona os corpos, evoca a ancestralidade, faz descer à terra os seres encantados.

Grande parte da força da Música Popular Brasileira situa-se na percussão, no exercício sonoro variado do tambor, gerando nosso ritmo mais genuíno: o samba. Mas, a força musical do tambor vai para além do samba. Está nas canções mais inventivas de Milton Nascimento, no violão de João Gilberto e Gilberto Gil, na poesia abrasiva de Caetano Veloso, na maestria musical de Dorival Caymmi. O tambor entrecruza-se no canto de Maria Bethânia, Gal Costa, Nana Caymmi, Elis Regina, Clara Nunes, Alcione. Para entender esse fenômeno musical diaspórico, ficando só em parte da experiência brasileira. O tambor revolucionou nosso Carnaval, fez nascer os afoxés, os blocos afro, as escolas de samba... O tambor gerou ritualísticas impactantes para a história brasileira: A noite dos tambores silenciosos, em Recife, o um culto sagrado em pleno Carnaval pernambucano, louvando a ancestralidade negra, celebrando a memória daqueles e daquelas que se encantaram. O tambor, longínquo e tão perto, com a chegada dos negros bantu guiou instaurou o kalundu, a macumba, o terreiro, o candomblé congolano, o candomblé de caboclos, a jurema festeira, a umbanda.

O tambor é uma civilização. E segundo Luiz Antonio Simas (2024), o tambor conta a história popular do Brasil, que pode ser compreendida pela trajetória da umbanda entre nós, Simas afirma ser o tambor seu melhor amigo até hoje. O tambor que viabiliza a macumba, macumba que, numa inspiração em Simas, é



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

umbanda, e eu afirmo: o tambor, formalizado em atabaques, é a grande *civilização candomblé* no Brasil.

- A poética do barro, outra civilização

A mais antiga das nossas ancestrais é Iyá Agbá Saluba, mãe ancestral da lama, detentora dos mistérios da vida e da morte, a que origina e a que devolve o humano à sua condição original. Além de originar a vida, o barro cria materialidades que dão suporte a existência humana na terra. O barro ergueu nossas primeiras moradias, nos deu utensílios para abrigar alimentos e bebidas, corporificou o nosso sagrado em objetos comooringas, quartinhas, talhas, porrões... Nos ajudou a imaginar e a modelar divindades, nos tornou artistas, construiu nossos barracões, acolheu os corpos dos nossos ancestrais sem vida... Imprimiu culturas de muitos saberes que são vitais para o exercício de qualquer das religiões afro-brasileiras. O barro é a civilização das tradições ceramistas dos indígenas que aqui estavam e dos negros que aqui chegaram. O trabalho no barro retrata muito da nossa grandiosidade artística. E o sentido do barro é complexo. Se querem entender sobre a força simbólica do barro, faça uma etnografia sobre o fazer de uma talha dedicada a uma orixá, como ensina a antropóloga Adriana Cerqueira, e sinta as camadas de sentidos trazidos pelo sagrado feminino praticado pelas culturas religiosas afro-brasileiras. A civilização do barro formatou residências no vasto território brasileiro, fundindo tecnologias indígenas às tecnologias africanas por diversos grupos humanos negros vindos da África.

Portanto, falar, escrever, cantar, exaltar, conhecer, as civilizações do tambor e do barro é ter entendimento do processo civilizacional brasileiro, partindo da perspectiva popular, pousando nos conceitos de confluência e no de envolvimento, ambos construídos pelo olhar quilombola de Nêgo Bispo (BISPO DOS SANTOS,2023), o que conflui dos indígenas para os afro-brasileiros e vice-versa , até



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

mesmo o que conflui das culturas lusitanas afetando esses povos e por eles sendo afetadas: isso transdiz a ontologia da humanidade, exercendo-se no encontro entre culturas, respeitando-se da maneira simétrica e horizontal em um olhar antropológico mais contemporâneo, visto no perspectivismo ameríndio, de Eduardo Viveiros de Castro, e também, na pedagogia cabocla – a ontologia dos caboclos em terreiros da Bahia, promovendo cura e conhecimento -, em acordo com o que conceituei a partir das minhas observações do culto a estas entidades consideradas como os “ donos da terra” (SANTOS,1995).

- O desrespeito a partir do caso Claudia Leite

A grande dificuldade existencial dos negros no Brasil fundamenta-se no exercício diuturno do racismo contra eles. Tudo se faz mais difícil para os negros, e não só na estruturalidade, mas fundamentalmente, na perspectiva relacional, onde as pessoas brancas, banhadas em seus privilégios, se consideram superiores e assim, acham que devem ser tratadas, na dinâmica social brasileira, como superiores e merecedoras de seus privilégios. Daí, toda criação cultural que fere os padrões hegemônicos brancos, a cristandade por exemplo, além de serem considerada inferior e selvagem, é demonizada e violentada no Brasil de ontem e de hoje. Os negros sofrem profundamente com o racismo, mas os indígenas e os ciganos também. O Brasil é um país racista, sexista, lgbtfóbico, elitista, e ataca, cotidianamente, tradições religiosas que expressem a cor da pele dos seus praticantes e que estejam, originalmente, ligadas ao continente africano.

A grande questão é que a indústria cultural brasileira se sustenta, em grande medida, da inventividade negra em todas as artes. Principalmente, no universo da música, em lugares como Salvador da Bahia, cidade majoritariamente negra, onde o grande atrativo musical repousa nas invenções cotidianas dos afro-brasileiros, expressando histórias, filosofias, mitos, epistemologias, que aqui



UESB



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

aportaram com a chegada compulsória dos africanos raptados de seus países de origem. A força musical da Bahia, sua indústria cultural, gira em torno do Carnaval que, nos últimos 40 anos, se sustentou no fenômeno cultural e comercial, chamado de Axé Music, alcunha dada pelo jornalista Hagamenon Brito, um americanófilo, que quis minimizar e ridicularizar as expressões em idiomas africanos, debochando do ritmo e dos temas tratados pelos compositores populares. O termo Axé Music, nasceu da investida racista do jornalista, amante do rock e da língua inglesa, pouco à vontade com as tradições africanas que dominavam (e ainda dominam) o cenário musical da Bahia. Grande parte das músicas surgidas nesse período, tratava de elementos culturais que remetiam à África: orixás, países, saudações, nomes próprios e cantigas sagradas retiradas do contexto espiritual dos terreiros. Portanto, parte da Axé Music, se alimentava da musicalidade salvaguardada nos terreiros e os sucessos mais expressivos alinhavam-se com as chamadas culturas bantu, jeje e nagô.

Haja vista o que foi dito acima, o que ressaltarei como o caso Claudia Leitte, musa branca da Axé Music, com grande destaque nacional, desemboca nas águas do desrespeito intercultural e do racismo religioso. Evangélica convicta, a cantora anos atrás, precisamente em 2004, fez sucesso cantando a canção Caranguejo, dos autores Durval Luz, Alan Moraes e Luciano Pinto, onde existia o verso “Joga flores no mar/ Saudando a rainha lemanjá”, canção barulhenta e inexpressiva, bem dentro da lógica do repertório que logrou sucesso à cantora. Contudo, nos últimos anos, Claudia Leitte, marcada em seus pertencimentos políticos ligados à ultra direita bolsonarista, e cada dia mais “terrivelmente evangélica”, mas sem deixar a festa da carne como trabalho e enriquecimento, sem abandonar o Carnaval da negra Salvador, resolveu arrancar o nome de lemanjá do verso citado anteriormente, e substituir por Yeshua, Jesus em hebraico, promovendo um debate público, onde o antigo secretário da cultura do município, Pedro Tourinho, a



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

acusou de racista religiosa, mas, do outro lado, Carlinhos Brown defendeu a cantora, afirmando que ela estaria longe de ser uma racista, e simplesmente, expressou na mudança do verso, sua convicção religiosa.

Não! Cláudia Leite praticou racismo religioso, expropriação cultural, tirando o lemanjá do lugar dela como elemento inspirador da chamada Axé Music, e violando os sentidos religiosos e filosóficos que alimentam as tradições carnavalescas na Bahia. A cantora praticou uma hierarquização entre divindades, fundamentando o lugar sagrado de Jesus, luz e salvação, retirando dela a demonizada lemanjá, fruto da religiosidade perdida e obscura praticada pelos negros. Tão simples assim, como aconteceu e ainda acontece em todo Brasil: o racismo religioso contra todas as religiões de matrizes africanas. Contra todas as religiões de estrutura negra. Chão negro.

Ao arrancar o nome lemanjá do verso original, a cantora cometeu um profundo desrespeito à sacralidade dos símbolos etnicorraciais afro-brasileiros.

Para além do lugar dos brancos, algumas vezes, indivíduos negros pertencentes ao candomblé, por exemplo, na sanha da fama e do endinheiramento, também violam a sacralidade profunda resguardada nos terreiros. Carlinhos Brown é um gênio musical, pertencente ao candomblé, ao que parece, mas se veste todo de preto às sextas-feiras e canta para Exu, nesse dia dedicado ao silêncio, à lentidão, à abstinência. Na esfera da sua arte, performa no palco o transe de Omolu e joga, de maneira folclórica, pipoca na plateia. Performar Omolu, senhor dos mistérios, princípio silencioso da vida e da morte, é aviltar as simbologias que compõem as feições sagradas deste vodum/orixá. Isso dá combustível para os racistas e preconceituosos atacarem o candomblé como religião de demônios ou, então, folclore e entretenimento para aqueles que não respeitam o sagrado alheio.

Tão pesado e violento quanto o que foi feito por Cláudia Leite e Carlinhos Brown (entre muitos outros), foi o parecer da jurada Ana Paula Alves Fernandes, que ao



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

julgar o samba-enredo da Unidos de Padre Miguel, avaliou que a escola cometeu “ excesso de termos em iorubá”, o que, segundo a avaliadora, dificultou o entendimento da narrativa trazida na letra do samba. É importante ressaltar, que a Unidos de Padre Miguel, contava a história da Iyá Nassô, fundadora do primeiro terreiro de matriz nagô do Brasil, o Ilê Axé Intilé, conhecido também como candomblé da Barroquinha, que depois se transferiria para o Engenho Velho da Federação, onde em homenagem à sua fundadora, passaria a se chamar Ilê Axé Iyá Nassô Oká, mais conhecido como Terreiro da Casa Branca, em Salvador da Bahia. O iorubá é o idioma ritual cotidiano desta casa de santo, onde tem membros falantes nessa língua. Como contar a história de um terreiro nagô sem usar termos em iorubá? Por que quando nos excedemos em termos em inglês ou francês em nossos textos, somos considerados eruditos, políglotas, comunicativos, cosmopolitas? Ao negar o uso do iorubá como narrativa expressiva de um povo de suma importância para a sociedade brasileira, além de negar a história, a jurada cometeu uma violência contra símbolos sagrados do candomblé de nação nagô (LIMA,2003), praticando esse recorrente racismo religioso contra o candomblé, já que se fosse usado muitos termos em latim, para explicar o fenômeno católico no Brasil, certamente Ana Paula Alves Fernandes entenderia o que estava sendo narrado.

- Saulo Fernandes e a sua ecologia do amor

Se vivemos mergulhados em muito desrespeito, existem narrativas que consideram e respeitam a importância religiosa e cultural das chamadas religiões afro-brasileiras ou religiões de matrizes africanas. Dois artistas brancos e lúcidos em sua imersão musical ligada ao Axé Music, constroem discursos que afirmam a força estética do candomblé e como essa estética religiosa afeta positivamente a música do Carnaval em Salvador: Daniela Mercury e Saulo Fernandes, ecoam as



UESB



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

belezas da cultura negra, pedem licença para afirmar o protagonismo negro em relação a produção musical de ambos e valorizam símbolos etnicorraciais e os seres sagrados desta experiência filosófica e religiosa que chamamos, na Bahia, de candomblé.

O caso Saulo Fernandes é ainda mais profundo, porque o artista empreende esse respeito e aceite dessas tradições, a partir do que eu chamo de ecologia do amor. Um ecologista do amor, um Saulo Fernandes, é alguém comprometido com o bem-estar do outro, um formulador de discursivas amorosas que abrigam as diferenças, inclui os indivíduos, se afeta na beleza alheia, busca a união sem negar o debate das ideias contrárias. Ao observar a ação artística de Saulo, desfilando em seu trio pelas ruas da Cidade da Bahia, aprendi com ele a encarar, no Carnaval, o triunfo da delicadeza entre as pessoas, em sua maioria, experimentando, coletivamente, a alegria. Isso é a sauliana ecologia do amor. Saulo ressoa em seu trio a civilização do tambor, numa pedagogia cabocla que entende as confluências, coexiste com as diferenças respeitando-as como diferenças identitárias. Na voz deste cantor: "Salvador, Bahia/ Território africano/ Baiano sou eu, é você, somos nós/ Uma voz do tambor".

- Considerações finais ou acionando recomeços

Esse texto foi fruto de uma empolgada conferência, que mesclando emoção e análise, me trouxe inteiro para combater o racismo religioso sofrido pelas religiões de matrizes africanas no Brasil. Além de ser professor, antropólogo, pesquisador, lugar que ocupo com muita honra, contudo, mais honrado ainda é meu lugar de filho do candomblé, um ser construído por ensinamentos ancestrais, e que é tocado pela força e pela presença dos orixás no inteiro de mim. Sou das águas e das matas. Os caboclos bradam em mim. Eu sou um filho das civilizações do tambor e do barro, minha escrita nasce disso. Aprendo a ecologia do amor, com



UESB



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

artistas como Saulo Fernandes, para estar na constância da grandeza das culturas africanas e afroindígenas brasileiras, entendo que a luta antirracista é de todos e todas e em todos os setores do que conhecemos como sociedade.

Os símbolos etnicorraciais afro-brasileiros são esteio de muitas religiosidades, são inspirações artísticas, são retratos culturais da força civilizatória de negros e indígenas nessa terra ainda tão racista.

Aciono na palavra: recomeços. A palavra em Clarice Lispector que quando diz que viu, viu porque não deu seu sentido existencial aquilo que foi visto, viu com o olhar do outro o sentido que o outro dá ao que é seu. Um exercício antropológico que também busquei aqui. E ainda em recomeços, clamo a voz de José Craveirinha e digo: deixa-me ser tambor.

Referências

BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá, a terra quer. São Paulo: UBU Editora, 2023.

CARANGUEJO. UAU! Ao Vivo em Salvador. Babado Novo. Salvador: Universal, 2024.

CRAVEIRINHA, José. Obra completa. Maputo: Imprensa Universitária, 2000.

LIMA, Vivaldo da Costa. A Família de Santo nos Candomblés Jejes-Nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupais. Salvador: Corrupio, 2003.

LISPECTOR, Clarice. As palavras e o tempo. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

MARCOS, Marlon. Entre o jocoso e o sagrado: cânticos, sotaques e ensinamentos de caboclo em candomblés de Salvador. Salvador da Bahia: KAWO-KABIYESILE, 2022.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Sobre os candomblés como modos de vida: imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis. Ensaios Filosóficos, Rio de Janeiro, 2016.



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. A Invenção das Mulheres: construindo um sentido Africano para os Discursos Ocidentais de Gêneros. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

RAIZ DE TODO BEM. Saulo ao Vivo. Saulo Fernandes. Salvador: Universal, 2013.

SANTOS, Jocélio Teles dos. O dono da terra: o caboclo nos candomblés da Bahia. Salvador, BA: Sarah Letras, 1995.

SIMAS, Luiz Antonio. Umbandas: uma história do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SÃO PAULO



Colegiado do curso de
DANÇA

